CMP 1.2.1.26

Caderno de DOMINGO
FOLHA DE S. PAULO
5º caderno
São Paulo, domingo, 1.o de julho de 1973

Esse marco que foi a Lagoa Santa

J. REIS

Começa como um romance antigo: "No dia 10 de outubro de 1834, dois viajantes com sua tropa chegaram à vila de Curvelo no Estado de Minas Gerais, no centro quase do Brasil; eram eles Pedro Guilherme Lund e o botanico alemão Riedel, que já durante um ano tinham estado em viagem cientifica através dos Estados, então provincias, do Rio de Janeiro, S. Paulo, Goiás e Minas Gerais, Por um "acaso", um aventureiro dinamarquês, Pedro Claussen, vulgarmente chamado Pedro Claudio Dinamarquês, tinha no mesmo dia arreado sua mula para seguir da sua fazenda "Porteirinhas" para Curvelo, distante três leguas. Ali chegando, viu ele a tropa e aproximou-se logo dos forasteiros recem-chegados perguntando-lhes em que negociavam e, no correr da conversa, verificou-se que dois dinamarqueses se tinham encontrado, muitas leguas a dentro do Brasil".

Assim escreveram, com sabor de boa narrativa, muitos dos pioneiros da Historia Natural no Brasil. Aquele trecho, em particular, ficou dentro de minha memoria por toda a vida, primeiro lido quando ainda jovem na Biblioteca Nacional e depois atentamente relido e estudado no Instituto Biologico, quando com o saudoso Rodolfo v. Ihering estavamos planejando um livro em que a Historia Natural do Brasil aparecesse através de textos como aquele, comentados e inseridos em adequado contexto, assim como explicada a vida de seus autores, que percorreram nossas matas e nossos campos quando chegar até eles era arriscada aventura.

TEMPOS HEROICOS

De certo modo o livro que começa com aquele curioso encontro, era mesmo quase um romance, mas um romance vivido por homens refinadissimos da Europa "leguas e leguas" dentro do Brasil, caminhando no lombo de animais, enfrentando intemperies, tudo isso por amor da ciencia. O enredo, aparentemente singelo, teria significação toda especial, feito de observação de ambientes e busca de explicações para o que de novo se abria aos olhos do autor, ainda muito moço. Seu titulo era "Lagoa Santa". O escritor, Eugenio Warming, ou abreviadadamente Eug. Warming, como aparece no frontispicio da obra que se tornou celebre e se esgotou, assim permanecendo por bem uns setenta anos. Publicada em dinamarquês, em 1892, foi primorosamente traduzida para nossa lingua por Alfredo Loefgren, notavel botanico sueco que entre nós viveu muitos anos.

Warming começa falando de Lund, que aqui chegara desejoso de realizar estudos botanicos, mas depois do encontro com Claussen ficou naquele lugarejo em que se conheceram, tão longe da patria, amando cada vez mais a Lagoa Santa e ali desenterando material cujo estudo o desviou para a geologia e paleontologia. Lá permaneceu até morrera em 1880, depois de haver tornado aquele sitio conhecido de todo o mundo cientifico e de para lá ter atraido numerosos visitantes estrangeiros. "E até o proprio D. Pedro e seu genro lá foram para conversar com Lund".

Quando faleceu um de seus colaboradores, Lund procurou na Dinamarca um substituto, que fosse jovem "e que devia ser botanico para que tivesse bastante ocupação no seu tempo livre, aliás abundante". Em 1863 aqui chegava o novo assistente, Warming, após viagem que durou de novembro a abril até o Rio, e mais 42 dias da capital àquele "inolvidavel lugarzinho onde passei tão felizes e despreocupados anos". Warming tinha apenas 21 anos e nunca antes se ocupara com a vegetação brasileira. Contava, porem, com a segura orientação de Lund, já familiarizado com nossa flora.

Warming fala de sua pouca idade para justificar "as imperfeições do presente trabalho" — o trabalho que se tornou de importancia basica para a geografia e ecologia vegetal e, particularmente, para os que se ocupam com o cerrado, esse "manancial de problemas", como diz o prof. M.G. Ferri, para o qual Warming chamou a atenção do mundo cientifico.

O livro de Warming aparece agora novamente, graças à cooperação entre a Editora Itatiaia e a Editora da Universidade de São Paulo. E aparece com esplendido e oportuno acrescimo, uma atualização que o prof. Ferri faz sobre a vegetação de cerrados brasileiros, assunto que tem sido intensamente estudado entre nós e fora daqui desde que o saudoso prof. F. Rawitscher nele concentrou sua atenção e a de muitos discipulos. Rawitscher pertence ao grupo daqueles eminentes cientistas que vieram para São Paulo, quando aqui se criou a Universidade, a fim de organizar as cadeiras basicas da Faculdade de Filosofia, Ciencias e Letras.

2 MILHÕES DE QUILOMETROS QUADRADOS

Com seu livro sobre a Lagoa Santa Warming despertou interesse mundial, entre os cientistas, pela vegetação do cerrado, flora das mais interessantes que em nosso Pais cobre cerca de 2 milhões de quilometros quadrados, um milhão e meio dos quais na região centro-oeste e os restantes, espalhados ao sul dessa região, ao nordeste e tambem ao norte, onde "encarvada na pujante floresta pluvial constituinte da Hiléia Amazonica, ocorre o cerrado sob forma de "ilhas" de extensão viariavel", segundo escreve Ferri, citando calculos de varios pesquisadores.

O cerrado apresenta-se como extensão coberta de gramineas entre as quais surgem arvores, arbustos e ervas que logo impressionam pelo aspecto torcido das arvores e dos arbustos, cujos caules não raro se recobrem de espessa casca e cujas folhas são eoriaceas (parecidas com couro), brilhantes ou revestidas por denso conjunto de pêlos. Esse aspecto lembra á primeira vista a vegetação adaptada a condições de seca, motivo pelo qual a ela se referem os especialistas como eromorfa. Como os cerrados muitas vezes se encontram em regiões onde é comum um periodo de 4 a 5 meses, ou mais, de ausencia de chuva, eram entendidos como "campos secos", atribuidas suas caracteristicas à falta de agua.

Em "Conheça a vegetação brasileira", A. B. Joly completa o quadro do cerrado dizendo que a paisagem é leve ou fortemente ondulada e o solo sempre profundo — unica caracteristica comum a todos os cerrados, uma vez que o solo superficial pode variar, mais arenoso ou mais argiloso, com muito ou pouco pedregulho. O solo em geral aparece, nu, entre as plantas. A longa estiagem reflete-se na vegetação herbacea e arbustiva baixa, que costuma secar e desaparecer, esturricados os colmos e as folhas das gramineas, que adquirem tom amarelo dourado tipico. Os arbustos esparsos perdem as folhas, mas os ramos secos permanecem. Umas arvores despem-se de folhas, outras conservam-nas sempre; estas formam a chamada vegetação permanente, que distingue o cerrado das caatingas nordestinas. Mas os rios não secam no cerrado; ainda que o volume das aguas diminua na estiagem, elas correm o ano todo, alimentados os rios pelas aguas do solo profundo, cujo lençol pode encontrar-se a mais de vinte de metros.

Não falta agua, pois, às aguas do cerrado. Sem ela, no periodo da seca, só fica mesmo a zona superfícial, que não costuma ir além de 2 metros de profundidade. Quanto mais nos aprofundamos no solo, mais vemos crescer a concentração de agua, de modo que podemos comparar o solo profundo a um enorme reservatorio hidrico. A agua gravitacional move-se para baixo o ano todo e as raizes de muitas plantas se alongam no solo até encontrar o lençol subterraneo. A maioria dos vegetais observados no cerrado de Emas mantém os estomatos abertos o dia todo, transpirando a planta livremente, mesmo na seca. É comum, nos cerrados em geral, a formação de orvalho pela manhã.

Há, na verdade, todo um conjunto de condições aparentemente paradoxais no cerrado: "na superficie a seca desoladora durante a maior parte do ano, em profundidade abundancia de agua." Não é de estranhar, pois, que se houvesse concluido, apressadamente, que o aspecto xeromorfico do cerrado decorre da falta de agua.

O FRUTO DE TRES ANOS

Voltemos, porém, ao livro de Warming. Nele o então jovem cientista, que se tornaria um dos fundadores da ecologia botanica após descrever a região da Lagoa Santa (localização, clima, solo e superficie) entra minuciosamente nas formações vegetativas, descrevendo e indentificando as plantas encontradas e salientando suas caracteristicas morofologicas que, em conjunto, pintam o quadro do cerrado. Estuda aspectos filogeneticos, a substituição de floras, trata das formigas cortadeiras, das plantas uteis e daninhas, não deixando nenhum aspecto sem investigação. São 277 paginas grandes e cheias de ilustrações, onde tambem se enumeram os animais observados.

É trabalho formidavel, cujas eventuais deficiencias o autor modestamente procura explicar, relatando as circunstancias em que foi feito, numa especie de "pressa nervosa" de quem, compelido a organizar em dois anos, que depois foram três, uma coleção completa de todas as plantas da região, logo no inicio duvidava de poder alcançar esse intento ante "opulencia da natureza tropical". Três anos apenas, no fim do século passado, em região de dificil acesso e com poucos meios de trabalho e, tetornado o autor a sua patria e estudados o material, e as notas tomadas no dia a dia das excursões, a elaboração de um dos mais importantes livros da botanica, apresentado como contribuição ao estudo da biogeografia das plantas! Na Lagoa Santa Warming permaneceu até 24 de abril de 1866, quando partiu para o Rio, "com um tropeiro", e lá se demorou três meses até embarcar para a Dinamarca num brigueescuna de seu pais, que o deixou em Copenhague em outubro. Entre a partida e a publicação do livro, 26 anos.

Esse livro é que agora se reedita para satisfação de todos os que amam a ciencia e se interessam, em particular, pela Historia Natural do Brasil. Mais em particular ainda, pelos que hoje ativamente investigam os muitos problemas cientificos do cerrado. Esse enorme cerrado que "A Lagoa Santa" abriu aos olhos do mundo.

TRINTA ANOS

Com oportunidade M. G. Ferri ajuntou à obra de Warning 75 paginas de sua autoria e mais 58 ilustrações originais sobre "A vegetação de cerrados brasileiros". Não quis fazer completa revisão das publicações sobre o assunto, mas apenas resumo do que de principal se realizou, como observação e pesquisa, nos trinta ultimos anos. Por que 30 anos? Porque foi há trinta anos que renasceu o interesse dos pesquisadores pelo assunto, em consequencia dos fundamentais trabalhos de F. K. Rawitscher e sua escola. Desde que chegou ao Brasil até o fim de sua vida o cerrado foi preocupação dominante do grande botanico alemão que aqui se radicou e tão luzida equipe constituiu. O cerrado ainda está presente hoje como assunto de investigação no Departamento que ele criou.

Em seus primeiros e casuais, porém frequentes, contatos com o cerrado em varios pontos de São Paulo, principalmente em Emas, perto de Pirassununga, notou Rawitscher as enorme folhas de muitas especies, a ausencia do murchamento no auge da seca, floração e brotação abundantes antes mesmo das chuvas, sinais que pareciam contradizer, a um botanico preocupado com a fisiologia das plantas, a ideia de haver falta de agua para os vegetais daquele tipo de flora. Aberta a pista, seguiu ele mesmo para Lagoa Santa com M.G. Ferr, para visitar, por assim dizer, o grande marco historico no estudo dessas formações. Além de Ferri, designou Rawitscher, para os trabalhos iniciais sobre o cerrado, Mercedes Rachid. As primeiras observações e experiencias profundas fizeram-se em Emas. Surgiram numerosos trabalhos, sobre a existencia da agua no sol, a anatomia da folhas, o comportamento dos estomatos (orgãos pelos quais se dá a transpiração das plantas), a troca gasosa com o meio. Cada vez mais claro ficava que a vegetação do cerrado não é adaptação à seca, aproximando-se mais das vegetações do brejo.

A esses grabalhos iniciais Rawitscher deu divulgação internacional num estudo sobre a deterioração dos solos tropicais em consequencia do reflorestamento.

O interesse pelo assunto estendeu-se a outros centros, no Brasil. Outros cerrados além do de Emas foram investigados meticulosamente. As caatingas, observou M.G. Ferri, vivem em condições de seca muito mais pronunciadas que o cerrado e são fisiologicamente adaptadas a essas condições, embora não tenham xeromorfismo tão acentuado como o que nelas se observa; formulava ele cada vez mais intensa, a pergunta: se a vegetação do cerrado não vive em geral em ambiente seco, por que é xeromorfa? E tambem: por que não surgem nas caatingas, com maior frequencia, caracteres xeromorfos, ao lado dos mecanismos fisiologicos de proteção contra a seca?

A explicação que encontrou foi esta: 1. o xeromorfismo do cerrado independe de mecanismos de proteção contra a seca, havendo nascido por outro mecanismo qualquer; 2 . para as condições de seca a que o cerrado eventualmente se expõe bastam as adaptações morfologicas. As caatingas teriam enfrentado desafios muito mais fortes em seu processo evolutivo e, durante este ter-se-iam diferenciado e selecionado os mecanisnmos fisiologicos de proteção contra a seca.

Muitos trabalhos se seguem, tanto pelo grupo que se originara com Rawitscher como por outros, notando-se naturalmente certos antagonismos entre os autores quanto à interpretação dos fatos e dos dados experimentais. Tão grande é a importancia do assunto, que tem justificado muitas reuniões internacionais e em nosso pais ensejou, entre outras conferencias, três simposios de grande vulto. Começou, com evidentes vantagens, o tratamento interdisciplinar dos problemas cientificos do cerrado. Mas a grande pergunta continua: qual a sua origem ou natureza? Três escolas se digladiam. A primeira entende que todos eles são "climaxes". Climax, em geografia botanica, designa o agrupamento que, como fruto de uma serie de transformações, ocupa definitivamente um lugar em condições naturais, por ser o conjunto que melhor se adapta a condições do ambiente. Para outros, eles são produzidos pela ação do homem, derrubadas, fogo). Para outros eles são climaxes, mas o homem, derrubando e queimando a vegetação de outro tipo, cria condições para que os cerrados migrem de seus habitats naturais para outros, estendendo assim a area de cerrados. A esse terceiro ponto de vista filia-se M.G. Ferri, como refere no trabalho que completa a obra de Warming.

O interesse dessas questões não se limitam ao nosso pais, mas a todos os que têm formações botanicas parecidas. Além do aspecto puramente cientifico, há outros, de natureza pratica, que só a pesquisa permitirão resolver, como o melhor aproveitamento das terras ocupadas pelo cerrado. O papel dos brasileiros na redescoberta desse importante assunto acha-se bem salientado pelo prof. T.L. Hills, da McGill University, Montreal, ao prefaciar trabalho de Goodland (197): "Os cientistas brasileiros que se dedicam ao estudo do cerrado são, talvez, os herois não celebrados do campo da ecologia da savana, que se desenvolve rapidamente". É sempre agradavel ouvir falar de herois em relação a cientistas, numa epoca em que o maximo heroismo é, aos olhos meio confusos do publico martelado pela propaganda, fazer goals nos campeonatos mundiais de futebol.

SÓ 3 DIAS NA Exposição Clipper
2º 3º 4º feira
Pça. do Patriarca esq. Rua São Bento
Largo Santa Cecília, 33 esq. Sebastião Pereira

Tesoura sem ponta, importada, própria para uso estudantil.
preço normal 5,00
só 3 dias 3,90

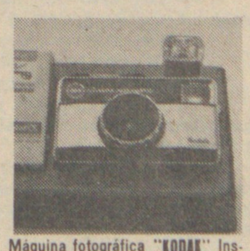
Jogo de limas, importado, 5 peças, triangular, chata com ponta, paralela, meia cana e quadrada.
preço normal 18,00
só 3 dias 12,90

Camisa esporte TERGAL, colarinho plastificado, 8 cores super modernas.
preço normal 29,00
só 3 dias 23,50

Cortador de batatas "MAZAL", corta em fatias uniformes, batata, maçã, etc. Ideal para sua cozinha.
preço normal 55,00
só 3 dias 39,00

Despertador "EXPERT" decorativo e de grande precisão.
preço normal 79,00
só 3 dias 65,00

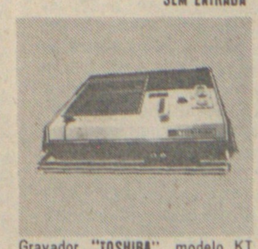
Microscópio "JUNIOR" importado, fácil manejo, ideal para estudantes. Acompanham laminas para pesquisa, aumenta 300 vezes.
preço normal 90,00
só 3 dias 68,00


Máquina fotográfica "KODAK" Instamatic, Mod. 155X, funciona com flash sem pilhas, sistema magicube fácil de manejar, acompanha estojo e filme colorido.
preço normal 199,00
só 3 dias 165,00

Conjunto "FORMIPLAC" com mesa elástica e 4 cadeiras, modelo anatomico, moderno com encosto e assento de formica. Lindas cores a escolher: azul, marmore, vermelho e madeira.
preço normal 459,00
só 3 dias 359,00
3 pagamentos sem juros ou 10 MESES SEM ENTRADA

Estante "KAUDER" com bar e prateleiras para: televisão, livros, revistas ou elementos decorativos. Altura 1,48 - largura 1,62
preço normal 580,00
só 3 dias 469,00
3 pagamentos sem juros ou 10 MESES SEM ENTRADA

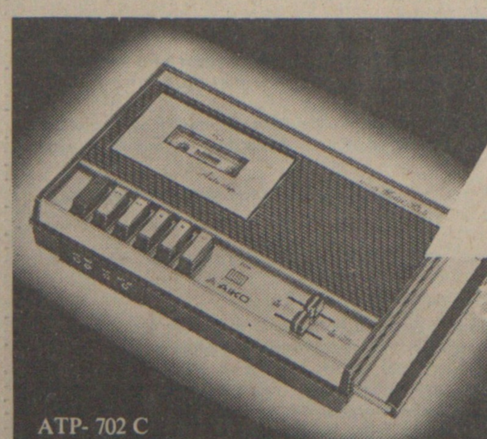
Fogão "WALLIG VISORETE", cores: azul, branco e vermelho. Queimadores com 3 graduações de calor. Forno panorâmico.
preço normal 710,00
só 3 dias 639,00


Gravador "TOSHIBA", modelo KT 242 D, cassete, pilha e luz, auto stop, conta-giro, tonalidade de som, grava e reproduz com nitidez.
preço normal 850,00
só 3 dias 690,00

Conjunto estofado "CONFORTO", amplo sofá-cama e 2 poltronas, revestimento de legitimo courvin.
preço normal 1.100,00
só 3 dias 849,00
3 pagamentos sem juros ou 10 MESES SEM ENTRADA

FACIL ESTACIONAMENTO: Igo. santa cecilia baixos do minhocão

Clipper Exposição
Sta. Cecília, Vila Maria, Penha, Lapa, Sto. Amaro, S. Bernardo, Patriarca, São Bento, Brás, Belém, Sto. André
Abertas de segunda a sábado até 10 da noite!


AIKO
a melhor maneira de dizer cassette
EVADIN distribuidor exclusivo
ATP- 702 C

Para onde enviar os seus originais

WLADYR NADER

Os escritores não têm mais que se queixar do menosprezo das editoras. Duas delas, a tradicional Brasiliense e a recém-criada Lance, resolveram inverter o processo e pedir originais, ao invés de recusá-los sob o menor pretexto.

A Editora Brasiliense acaba de lançar o primeiro volume de **Contos Jovens**, publicação mensal destinada ao publico estudantil, especialmente de nivel secundário. O livrinho, de 52 páginas, reune autores novos ao lado de classicos, como Machado de Assis. A editora já está recebendo originais para os próximos volumes. Os autores interessados devem levar em conta que as histórias se destinam aos estudantes e que determinados temas precisam ser evitados. Os contos devem ser enviados à Editora Brasiliense, rua Barão de Itapetininga, 93, 12.º andar.

A Editora Lance tem três meses de vida. Também ela está interessada em publicar gente nova, tanto que de algumas semanas para cá vem fazendo anuncios, nesse sentido, nos jornais. Para começar, organizou um concurso de que poderão participar ficcionistas, poetas e ensaistas, sem exceção. O premio do concurso é a publicação da obra, com 100 exemplares gratuitos para o autor. Os originais, pertençam ao genero que pertencerem, deverão ser enviados à Editora Lance, rua Dronsfield, 128, sala 67, Lapa.

Mario Sanchez, 38 anos, autor de um livro de ficção cientifica chamado **Além da Curvatura da Luz**, dirige a editora. Ele começou a se interessar pelo assunto em 1964, cinco anos depois de publicar o seu livro. Trabalhou algum tempo na Editora Autores Reunidos, com Leoncio Basbaum e Tito Battini, onde, reconhece, começou a aprender o oficio. Suas tentativas de reerguer a Autores Reunidos, para publicar seus proprios livros, porém, não deram em nada.

Mario preferiu continuar o que estava fazendo até encontrar uma saida. Advogou, deu suas aulas de matematica e escreveu mais sete livros, seis de ficção cientifica e o outro de poemas.

Em outubro do ano passado, já tinha uma idéia do que podia fazer e providenciou o registro da sua editora, com um objetivo preciso: reunir e orientar escritores brasileiros, segundo um sistema de fichários.

— A Lance é uma empresa de venda de livros - diz agora Mario Sanchez. - Para chegarmos a isso, fizemos um levantamento do mercado. Quem respondeu às nossas questões não sabia que ia entrar para o nosso fichário.

Ele acredita que possa vender mais livros do que qualquer outra editora.

— As grandes empresas, principalmente essas que trabalham com bancas, se baseiam no sistema alemão, que compreende seis processos de vendas. O nosso inclui 11, segundo os sistemas alemão, italiano e americano.

Daqueles seis sistemas tradicionais, esclarece Mario, quatro são diretos e dois através de distribuidores.

— Os três ultimos processos - entre aqueles que vamos utilizar - envolvem metodos de venda ainda não utilizados no Brasil e que eu não vou revelar.

Com seu levantamento de mercado, a Editora Lance já chegou às 1.100 fichas, a maior parte das quais de escritores profissionais ou amadores, como diz Mario. Seu esquema prevê 40 mil fichas em poucos mese, provavelmente até o fim do ano, e 100 mil, em um ano e meio ou dois.

A nova editora já tem três esquemas de publicação.

O primeiro é através de concursos. Quem tiver livro pronto deve enviá-lo à Lance o mais depressa possivel. Mario Sanchez acredita que até 10 de setembro receba uma média de 100 originais. Desde que tenham bom nivel, adverte, os livros serão publicados.

O segundo esquema é para autores que desejam financiar suas proprias obras. A Lance apresentará o preço das graficas e cobrará 10% para administrar a edição. O autor tem liberdade para escolher a maneira de distribuir o livro.

O terceiro esquema destina-se aos livros, cujas vendas já estão de certa maneira programadas.

— É o esquema tradicional - diz Mario - que funcionará segundo um grande fichário e de acordo com um grande sistema de vendas.

As idéias de Mario Sanchez podem parecer grandiloquentes e isso ele proprio reconhece. Mas está convencido de que no fim chegará ao que quer.

— Afinal, existem quatro mil escritores desejosos de publicar livro no Brasil.

Ineditos, aqui e na Inglaterra

Na Inglaterra, escritores inéditos têm problemas semelhantes aos de seus colegas brasileiros. Também lá a maior dificuldade é chegar até os editores. Quando chegam, são olhados com reserva. Em ultimo caso, acham que a luta não vale a pena e preferem renunciar à literatura.

A prevenção dos editores, na Inglaterra, é oficial já há algum tempo. Até mesmo Sir Stanley Unwin, ex-presidente da Associação Internacional dos Editores e da Associação dos Editores da Grã-Bretanha, chegou a escrever um livro sobre o assunto. Ele se chama "The Truth About Publishing" e saiu em 1960. No Brasil, sob o titulo de **O que é uma Editora**, foi publicado pela Record.

Já no prefacio há uma advertencia aos autores:

"Deixem que o original sirva de embaixador e não cortem suas possibilidades insistindo numa entrevista perfeitamente dispensavel. O editor não tardará a chamá-los, se achar interessante seu trabalho. O original é, sem duvida, uma obra-prima, mas não lembrem isso ao editor, porque todos os originais que lhe chegam às mãos foram apresentados como obras-primas pelos seus autores."

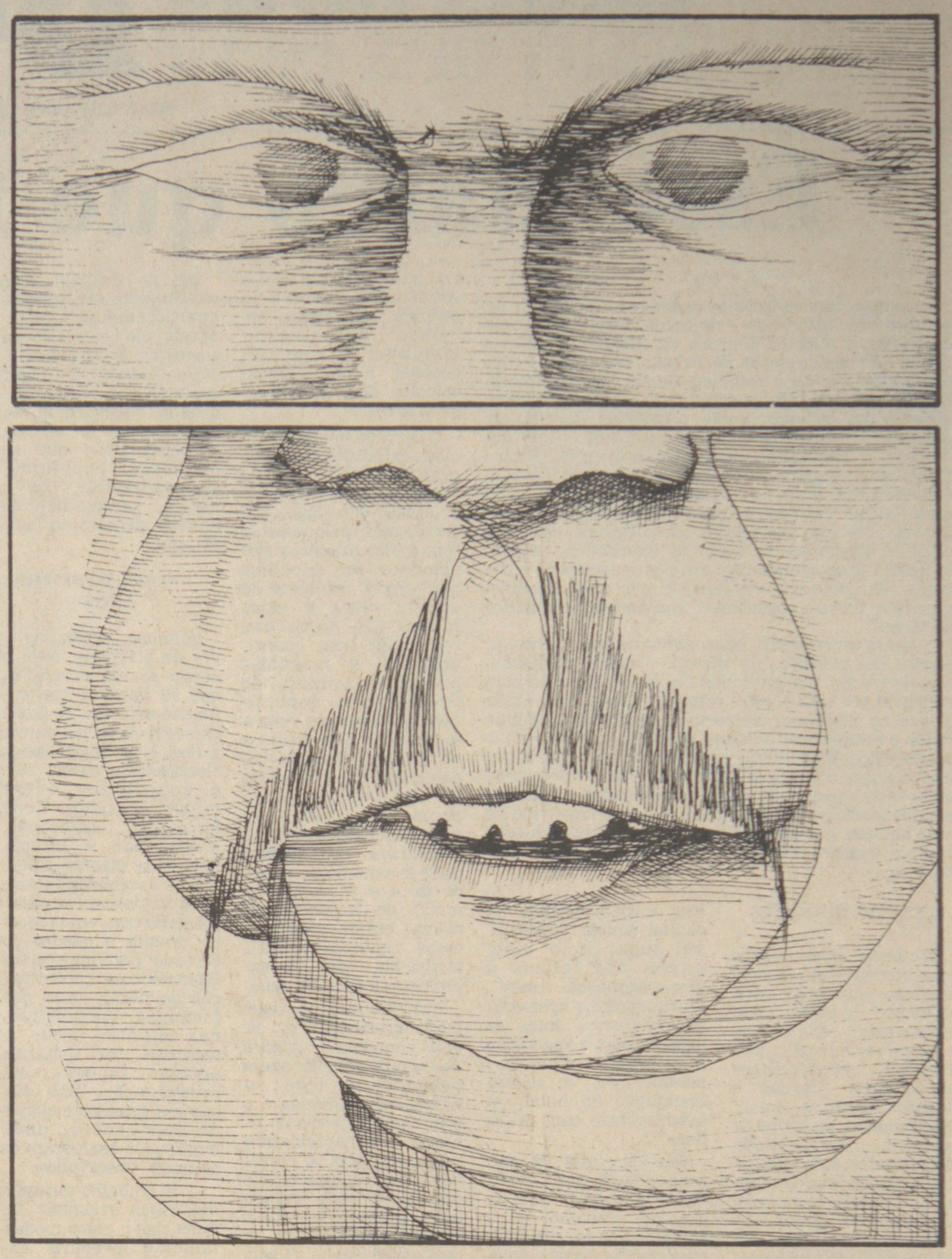
Sir Unwin acha, portanto, que as entrevistas iniciais são desnecessarias. Quanto ao original propriamente dito, ainda acha mais importante que ele tenha o nome e o endereço do autor bem legiveis.

Sir Stanley Unwin é ao longo do livro sempre muito ferino em suas advertencias e observações.

"Original é um filho, talvez filho unico", diz ele e certa altura, "mas o editor encontra diariamente uma duzia ou mais de recém-nascidos à porta de casa e tem diversos milhares de filhos mais velhos que invadem seu deposito todos eles simultaneamente reclamando atenção. Se querem que o seu original cause boa impressão, dediquem-lhe algum cuidado e não peçam ao editor que o examine a prestações. As aparencias exteriores não importam muito o desleixo e a inconsequencia, sim. O editor não se aborrece porque o manuscrito tem os cantos dobrados, mas porque um nome proprio raramente se apresenta escrito duas vezes seguidas da mesma maneira."

Segundo o editor inglês, os autores também não devem se preocupar com a publicidade do livro:

"A larga distribuição dum livro em todos os cantos do globo não começa e acaba com anuncios em dois suplementos dominicais. Uma vez escolhido o editor, colaborem com ele mas não comecem a ensinar-lhe seu oficio."



Demissão

CONTO DE HAMILTON TREVISAN

Hamilton Trevisan tem 36 anos e é funcionario publico. Publicou recentemente um livro de contos, Brinquedo (Vertente Editora). Demissão é inédito.

Alexis, o chefe, mandara construir um estrado bem alto para sua mesa. Não era tipo de dar explicações mas, aos mais chegados, ou seja, os que trabalhavam nas mesas proximas, justificou-se dizendo que a sala era muito grande e ele, na qualidade de chefe, precisava ter visão de conjunto. A explanação foi elogiada por diversos funcionarios, meia duzia de encantados sempre dispostos a aplaudir qualquer decisão superior. Esse grupo tinha representantes de varias categorias, desde o **homem da empresa**, que estava alí há mais tempo que o arquivo, até o novato perfumado e sussurrante, conhecido por **Dadá das Bonecas** (caíra na asneira de revelar que colecionava fantoches justamente ao colega especializado em apelidos). A grande massa, porém, recebera a nova altura do chefe como uma restrição a mais à já exigua liberdade. Agora todos se encontravam sob o olhar de Alexis. O ressentimento teve expressão mais clara, como sempre acontecia, no comentario de Wilson, encarregado da expedição:

— O que esse baixinho quer é sobressair — afirmou ele, sem que ninguém percebesse o trocadilho.

Na curva dos seus trinta anos, Wilson tomara um fogo e uma decisão. Se era para trabalhar feito besta e ganhar uma miseria, iria ao menos se movimentar. "Tenho de conhecer essa droga de mundo, antes que o casamento me pegue", era o seu lema. Até aquele momento, fizera só duas viagens: Ouro Preto e adjacencias e Salvador, Bahia, on de se impressionara devidamente com as igrejas e as praias. Para realizar sua ambição precisava, contudo, de uma pequena bolada. Fosse juntar migalha a migalha, economizando do ordenado, chegaria à Europa muito depois da guerra atomica, tarde demais, evidentemente, já que só lhe interessavam ruinas antigas. Tirando um assalto, para o que não tinha talento, a loteria e o joquei, restava-lhe apenas um meio de conseguir o dinheiro: ser despedido da firma e receber indenização. Em seus calculos, os dez anos de emprego dariam o suficiente para a passagem e algumas refeições.

O caminho escolhido para uma demissão rendosa foi, é obvio, a sabotagem. Claro que não levou nenhuma bomba de fabricação caseira ao escritorio, nem foi intrigar a firma no imposto de renda. Limitou-se a ficar burro. A partir desse dia, as expedições perderam o rumo. Cartas, ordens de pagamento, duplicatas e triplicatas não tinham mais destino certo.

O maior obstaculo ao exito desse plano estava nas previsões de Wilson: a personalidade de Alexis, defensor incansavel dos prorpios interesses.

Embora tivesse apenas trinta e cinco anos, o chefe considerava-se uma especie de pai ou irmão mais velho dos subordinados, sendo essa peculiaridade uma das muitas que nutriam o seu prazer de se olhar no espelho. Em relação a Wilson, a tendencia ganhara carater de obstinação. Alexis pertencia a uma familia numerosa, mas estruturalmente era filho unico. Casado há dez anos, sentia-se sempre um pouco roubado pelos filhos que lhe absorviam a mulher e pela mulher que predominava sobre os filhos. Daí, provavelmente, a necessidade vaga de ter um irmão (não importava que tivesse cinco), de considerar-se um paradigma para aqueles que se achavam sob seu comando. Satisfazia esse impulso de forma generica sobre todos os funcionarios e, nos ultimos tempos, de forma especifica sobre Wilson.

Estabanado, sempre pronto a dizer o que pensava e alardeando, a proposito de qualquer incidente, a intenção de voar do escritorio e nunca mais voltar, Wilson dava a impressão de um foguete amarrado. Apesar do que diziam os registros da secção de pessoal, parecia ter surgido do nada, um individuo sem pai nem mãe, nem irmãos, nem primos, nem tios, nem avós. Para o chefe, ele fora criado no instante em que o estrondo da porta anunciara sua entrada no escritorio.

Alexis, porém, confiava na eficiencia dos seus cursos de administração de empresa, racionalização do trabalho e liderança de reuniões, principalmente pela argucia psicologica que tais estudos lhe haviam dado. Era capaz de controlar mil homens sem que ninguém percebesse. Seu unico fracasso vinha sendo Wilson.

Quando aquele jovem alto, feições rudes, entrara como um pé-de-vento pela sala e viera direto até sua mesa comunicar que o haviam transferido para o departamento de cobranças litigiosas, não tivera dúvidas em concluir que a alta direção lhe entregava mais um caso de **domesticação**. Passados três anos, reconhecia não ter feito o menor progresso. Mesmo assim não perdia a esperança. Enquadrar Wilson nos padrões da empresa transformara-se no grande desafio às suas qualidades de líder. "Com o tempo — pensava confiante — sua dispersão será controlada, ele chegará dentro do horário, compreenderá melhor as imposições da hierarquia e, sinal definitivo, comparecerá às festas oficiais da empresa".

Ao notar, porém, que o desajustamento de Wilson começava a prejudicar além do razoavel o andamento da expedição, resolveu intervir de forma direta. O objetivo confesso era defender a diciplina e a produtividade, mas o que realmente pretendia era vencer uma incompreensivel resistência, sua primeira derrota psicológica. Wilson tinha uma carreira pela frente, era chefe de fato de um setor importante. Em pouco tempo, em menos de vinte anos, poderia dirigir o departamento, quando ele, Alexis, chegasse a diretoria. Como recusar tudo isso? Em nome de quê?

Pondo em ação o seu plano, Alexis arriscou-se a uma intimidade controlada com o Wilson. Era uma iniciativa perigosa, ele sabia, pois violava a regra fundamental da liderança: a principal qualidade de um chefe é sua imagem de chefe. Ora, essa imagem só se mantém de certa distância — mínimo de cinco metros, segundo Alexis — de certo ângulo de observação. Apesar do risco de contaminação que tal atitude apresentava, não se deteve. Deixou que se acumulassem algumas reclamações contra a expedição e chamou o inimigo para uma conferencia.

A gravata sem laço, apenas colocada em volta do pescoço, Wilson encaminhou-se assobiando para o estrado. "É hoje", alegrava-se ele, certo de que chegara o momento esperado. Desprezou a cadeira e, sentando-se na ponta da mesa, rematou com capricho a melodia.

Agarrando-se à psicologia para não perder a calma, Alexis procurou agir com naturalidade. Assinou alguns papéis, girou graciosamente sua cadeira estofada, apoiou o cotovelo na mesa e, com a ponta dos dedos, baixou os óculos. Espiando por cima das lentes, perguntou em tom neutro:

— O que há com você, meu rapaz?

Resposta:

— Que me conste, nada.

Alexis girou outra vez a cadeira, apanhou três fôlhas pequenas e repetiu a manobra anterior, até reencontrar a queda certa dos óculos. Wilson esperava por isso. "O Bernardo tem mesmo razão. Dou dois segundos para esse cara pigarrear."

Alexis pigarreou e disse:

— Veja bem. Em menos de três dias a expedição cometeu cinco erros graves. A que atribui isso?

Wilson encenou um esfôrço mental e explicou:

— Deve ter sido coincidencia.

Os óculos de Alexis voltaram à posição normal.

— Tenho analisado seu comportamento e cheguei à conclusão de que alguma coisa está acontecendo com você. É melhor se abrir comigo.

Ao ouvir a proposta, Wilson saltou para o chão e recomeçou a assobiar, afastando-se da mesa. Queria reforçar com uma ponta de loucura a imagem de sua incompetência. Mas Alexis não desistia fácil:

— Escute, meu rapaz...

Wilson voltou-se. Os óculos encontravam-se agora em posição intermediária.

— Gostaria de conversar comigo longe daqui, num lugar tranquilo e agradável, onde a gente possa falar livremente?

— Não — respondeu Wilson. — Mas sei que é inevitável.

Da mesa do Paribar, Wilson olhava a estátua de Dante. Há tanto tempo fazia isso — pensava ele — que a qualquer momento o poeta mudaria a posição dos braços. Uma coisa estava confirmada: Alexis era um chato inapelável. Durante meia hora tentara convencê-lo de que o escritorio era o melhor lugar do mundo e ele devia pensar muito antes de arriscar a carreira que tinha pela frente. Esperava, no entanto, tirar vantagem daquele sacrificio. O encontro era uma ótima oportunidade para deixar claro que a empresa nada devia esperar dele. Com muita calma, confessou ao chefe não ter a minima vontade de fazer carreira no escritorio ou em qualquer outro lugar. Sua verdadeira ambição, explicou, era sair pelo mundo, sem roteiro nem compromissos, totalmente livre. Perdeu, porém, toda esperança quando, depois de ouví-lo, Alexis perguntou:

— Já pensou em fazer psicanálise?

Dessa frase em diante, Wilson fechou-se em copas. Alexis também se calou, mas era evidente que aguardava uma resposta. Wilson levantou-se.

— Preciso me arrancar.

Tem a mão estendida quando aparece Bernardo. Pelo estilo, rondava o local à espera de uma deixa para entrar em cena. Seu objetivo era Alexis. Apertou a mão de Wilson e pediu-lhe em tom de mistério:

— Por favor, não vá embora.

"É hoje", pensou Wilson, com ânimo bem diverso daquele que, horas antes, inspirava a mesma idéia. Voltou a sentar-se, notando que Alexis ajustava os óculos à nova situação. Desta vez, foram parar na ponta do nariz, em drástica censura à intrusão de Bernardo.

Baixinho e roliço, Bernardo não usava óculos, usava livros. Estava sempre com um volumezinho ensebado na mão e, nos ultimos tempos, dera para aparecer com dois e às vezes três.

"Escuta", perguntara-lhe Alexis certa vez, "Por que carregas tantos livros? Por acaso os lê?"

O outro explicara que há livros e livros — uns podem ser lidos no onibus, outros enquanto se anda pela rua, outros durante o expediente. Essa revelação custara-lhe a remoção do setor de arquivo morto para o de ativação de vendas.

Colocados os livros sobre a mesa, Bernardo inclinou-se para Alexis e comunicou:

— Pretendia falar com o senhor amanhã, no inicio do expediente. Mas, ao vê-lo aqui, pensei: este é o lugar ideal para um desfecho. Ousei então me aproximar.

Deixou Alexis examiná-lo a olho nu e indignar-se com sua petulância e declarou:

- Vou pedir demissão.

- Não obstante - disse Alexis, sem trair o menor sentimento pela notícia - o assunto deve ser encaminhado oficialmente. Se o senhor não quer manchar a carteira de trabalho, é claro...

Bernardo concordou. Continuou a olhar firme para Alexis. Este, no entanto, jamais perguntaria o motivo de sua decisão. Para ajudá-lo, Wilson aproveitou a arenga de que fora alvo:

- Mas que razões o levam a abandonar a firma tão sólida e magnífica carreira que tem a seus pés?

O olhar agradecido de Bernardo quase o comoveu.

- Motivos íntimos, inteiramente íntimos. Creio que ninguém irá compreender. Principalmente o senhor, prezado chefe.

Alexis deu de ombros.

- Nunca vos revelei - prosseguiu Bernardo - mas meu ideal é a literatura.

O garçon aproximou-se e representou sua parte rápidamente: meia dúzia de palavras proferidas quase sem nenhum som, rabiscos no bloquinho de papel e uma esticada de corpo antes de se retirar.

Bernardo pediu pernod, com gelo em abundância.

- Não suporto essa bebida - disse ele. - Tem gosto de sabão. Por isso mando por bastante gelo. E a cor que me agrada: esse verde que parece amarelo que parece verde. Além disso, tem um pouco de absinto. Baudeleire...

Alexis tirou um feltro do bolso e concentrou-se na limpeza dos óculos. Sua expressão deixava claro que não lhe interessava a compposição do pernod.

"Consequências de não escapar no momento certo", filisofou Wilson. E em voz alta:

- Oh Bernardo, diz logo o que voce tem a dizer. A história precisa continuar.

Bernardo gostaria de ter o colorido pernod diante dos olhos, para proferir o monólogo final. Sentindo, porém, a inquietação da platéia, resolveu ir a seco:

- A literatura, portanto, é o meu ideal ... Estou com trinta e um anos e desde os dezoito vivo só para ela. E tempo de começar a escrever. Renunciei a empregos, amores, viagens, tudo, para não me comprometer, não me desviar. A publicidade, por exemplo, é um campo excelente para ganhar dinheiro, mas tem de se vender a alma. Um ou outro poeta consegue resistir, mas são casos muito especiais. Quanto ao jornalismo, Hemingway avisou: é bom para escritor, se ele sair a tempo. Diante disso, nem entrei. Há também a carreira universitaria: ordenado razoável, ambiente selecionado, tempo livre para leitura, férias longas. Corre-se, porém o risco de ficar intectualizado demais e perder a força natural que só se mantém com alguma ignorância. Encontro-me, portanto, na encruzilhada. Deixei por último a empresa particular, porque ela me leva a falar de nosso escritório. O aspecto geral mais importante é o imediatismo da indústria e e do comércio, absolutamente contrário à gratuidade da criação estética. Está perdido o artista que se deixa contaminar por ele. Mas nossa empresa ainda é pior. Que espécie de literatura poderei fazer com minha vivência atual? Nem kafkiano aquele escritório é! O senhor, por exemplo, seu Alexis, é um tipo de chefe completamente superado no romance brasileiro, para não falar do europeu e norte-americano. Se fosse escrever uma novela ou mesmo um conto baseado no microcosmo daquele ambiente, sabe o que sairia? Uma obra sem o menor significado metafísico. Não seria uma imagem da condição humana. Quanto a forma, então, haveria em desastre. Seria um tal de atirou os óculos e disse, olhou de soslaio, deu de ombros, insuportável a qualquer leitor moderno. Não, seu Alexis, não enterrarei meu talento em lugar tão medíocre. Alí não há um único personagem original. O próprio Dadá das Bonecas é plágio barato do Oswald de Andrade.

Pausa. O corpo de pernod pousou gracioso entre as garrafas de cerveja. Com deliberado ato falho, a mão de Wilson desequilibrou-se e metade do líquido verde indeciso ficou na toalha.

- Só faço uma exceção - emendou Bernardo. - Você, Wilson. De todos os colegas, é o único com caracteristicas atualizadas.

- Penhorado agradeço.

- Daria um personagem despojado, profundo, surpreendente na psicologia e, ao mesmo tempo, voltado para a ação. Mas o problema é meu estilo intimista, eu não saberia lidar com você.

- Não tem importância. Fica para outra vez. - respondeu Wilson, procurando a cumplicidade de Alexis. Este, contudo, recolherá-se atrás dos óculos embaçados e não mais participava.

- Tenho certeza de que me compreende - insistiu Bernardo. - Quando terminar de escrever meu livro, quero que você seja o primeiro a ler.

Wilson levantou-se. Com a ponta do dedo despertou Alexis:

- Não fico nesta história nem mais um minuto.

Dito isso, abriu os braços e levantou vôo, manobrando suavemente entre os guarda-sóis coloridos, as copas das árvores e a trama reles dos fios elétricos.

Nós,o pistoleiro,não devemos ter piedade

Moacyr Scliar é gaucho, medico e tem 36 anos. Publicou três livros, dois de contos e um romance. *Nós, o Pistoleiro...* **está em** *Contos Jovens* **(Editora Brasiliense).**

CONTO DE MOACYR SCLIAR

Nós estamos numa pequena cidade do Texas, em 1880.
Nós somos um temível pistoleiro. Nós estamos num bar, tomamos
uísque a pequenos goles. Nós temos um olhar soturno. Passado terrível. Muitas mortes. Remorsos.
A porta se abre. Entra um mejicano chamado Alonso.
Dirige-se a nós, o pistoleiro, com desrespeito. Chama-nos de gringo, ri alto, faz tilintar as esporas. Nós continuamos bebendo o
uísque a pequenos goles. O mejicano dá-nos uma bofetada. Quer
morrer, este Alonso. Nós não queriamos matar mais ninguém.
Abriremos uma exceção para Alonso, cão mejicano.
Combinamos o encontro fatídicopara o dia seguinte, ao raiar do sol.
Alonso dá-nos mais uma bofetada e vai-se. Ficamos pensativo, bebendo o uísque a pequenos goles.
Depois atiramos uma moeda de ouro sobre o balcão e saímos.
Caminhamos lentamente, arrastando os pés, até nosso hotel.
A população olha-nos. Sabem que somos
um temível pistoleiro, Pobre
mejicano, pobre Alonso. Amanhã.
Entramos no hotel, subimos ao quarto, deitamo-nos sem ao menos
tirar as botas. Ficamos a olhar o teto, a fumar, a pensar. Fumamos
muito. Pensamos pouco: muitas mortes. Remorsos.
E já é manhã. Levantamo-nos. Colocamos cinturão.
Examinamos revolveres. Inspeção de rotina, completada em poucos minutos. Descemos.
A rua está deserta, mas por trás das cortinas corridas adivinhamos
a população. O vento sopra, levantando turbilhões de poeira.
Mesmo vento, mesmo oeste, Rotina. Alonso já nos espera. Quer morrer, este mejicano. Está rindo. É manhã. Amanhã não rirá.
Colocamo-nos frente a ele. Um pistoleiro de olhar soturno, passado
terrível, muitas mortes.

Vemos um mejicano. Pobre diabo. Comia tortillas, já não comerá.
Tem mulher e cinco filhos eplo que informaram, um pedaço de terra e uma guitarra. A mulher e os filhos enterrarão o cadáve, fecharão a palhoça e seguirão para Vera Cruz, as trouxas de roupa
à cabeça.

A mulher ficará tuberculosa. A filha mais velha será prostituta.
Um filho ladrão. Outro morrerá. E outro morrerá. E outro morrerá.
Os olhos se nos turvam. Remorsos. Uma lágrima cai sobre o chão poeirento. O mejicano já não ri. Aguarda o momento de ser morto.

Já é manhã, mas ainda não o executamos. Pobre Alonso. A unica
exceção.
Uma bofetada, outra bofetada. Ninguém deu duas bofetadas num
pistoleiro. Não comerá mais tortillas.

Os dentes podres daquele homem. O olhar aterrorizado.
Nosso olhar turvado: novas lágrimas, lágrimas frescas.
Não conseguimos sacar nossos revolveres, como de rotina.
E assim vamos vendo Alonso puxar sua arma, vamos ouvindo o disparo, podemos até imaginar a bala vindo ao nosso coração, sentimos dor intensa, lento tombamos.
Morremos, diante do riso de Alonso, o mejicano.